

ENTRE A HISTÓRIA E A FANTASIA

PAISAGEM DE ITÁLIA

Não conheço nenhuma lei que por natureza possa negar ao homem o direito do sonho; forçados no entanto por outras — as do instinto — podemos vêr, sonhando de olhos abertos, nitidamente, além da contribuição auxiliar para a visibilidade dessas visões, fornecida pelos escritos e variadas demonstrações de aspecto gráfico.

Muito embora — e comprovado está — a distância impeça que se veja, há ao de cima da terra onde estacionamos apenas, coisas que nunca vimos, mas que sentimos e de que temos notícia.

Há pontos nesta esfera imensa que o florentino Galileu disse que andava, que se ligam à nossa sensibilidade por determinação emotiva. Movidos pelo desejo forte de que sômos possuídos enquanto a realidade visual não vem, encarregamos o espírito e o sonho de irem architectando tudo aquilo que queremos vêr, orientados num Norte quasi certo na figuração subjectiva, enquanto não chega o momento de confirmarmos com os olhos aquilo que o espírito nos dá já como verdadeiro. Baseado nestes principios que a mim proprio estabeleci, começo por declarar que conheço a Itália da Arte e do Sonho e conseqüente paisagem resultante; quasi que diferença os seus tipos e costumes e as toadas romanticas das suas canções, que se vão debatendo em éco prolongado, dos prados aos troncos juntinhos das florestas, ou transportados bailando, no ondear das seáras...

Conheço a côr subtil dos seus lagos e canais, espelhos azulados, de varias formas, emoldurados de verdes humidos, onde as gondolas estreitas e nervosas, levam muitas vezes, como timoneiros, pelo luar de prata desse ceu de sinfonia, duas bôcas que se beijam. Tudo isto vejo e sinto; e por excesso de

egoísmo imaginário de meridional e habituado bem por ofício a cuidar do que os olhos veem, dou a estas visões valor positivo sem contudo cair demasiadamente em lunático sonhador. Tenho comparado a visão que possuo da encantadora paisagem italiana com documentos de toda a espécie, até ao claro-escuro e côr do moderno cinema, e noto que não ando muito longe da verdade das côres e das formas e que a Itália paisagística é assim mesmo como a vejo e penso. — O sonho é sempre a inquietação da forma e a forma é sempre, a realização dum sonho...

Dizia-me há anos, o meu querido Mestre e amigo, o grande pintor Veloso Salgado, que todos os movimentos interiores que são sentidos e transmitidos depois, correspondem sempre a uma verdade definida; considero-me de há muito impregnado desse sentimento interior, no que diz respeito à Itália da Arte.

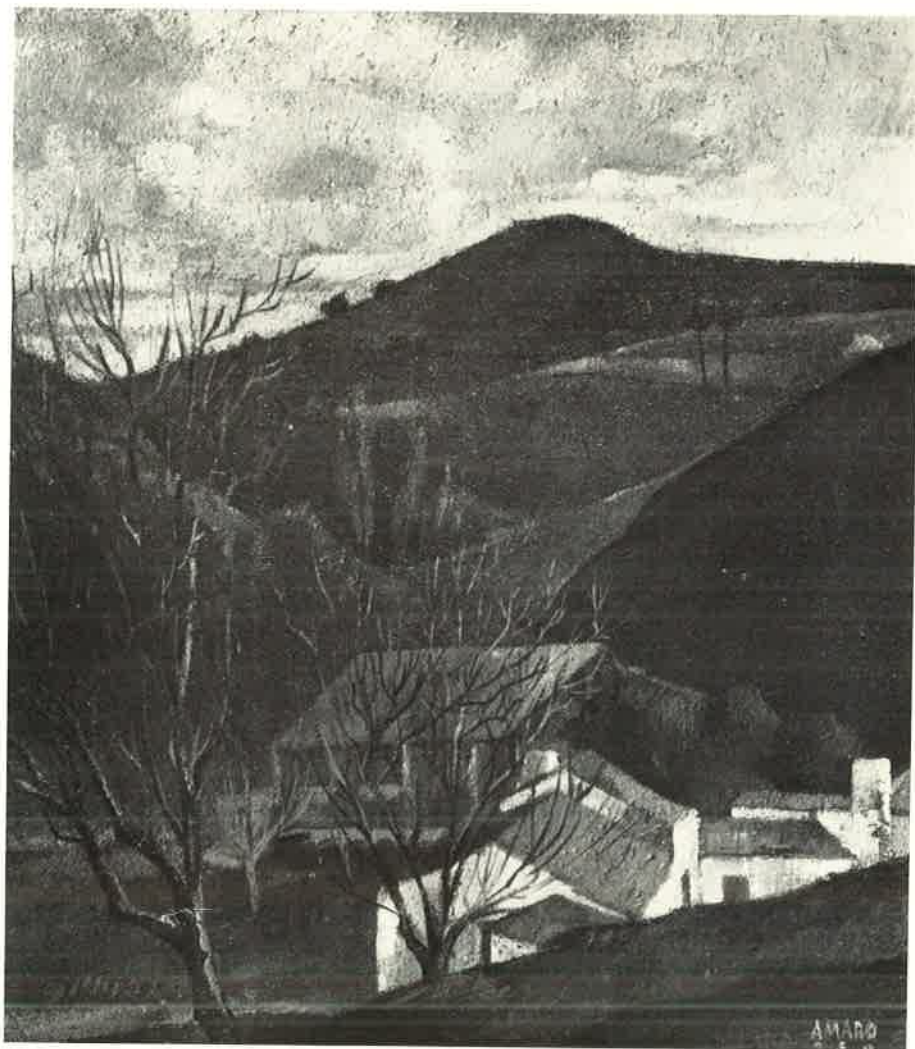
Que me perdoem os que viajaram e, porventura, viveram no ambiente luminoso desse país monumento, que não considere razão primária da sua autoridade locutora o facto de terem visto e pisado as terras de encantamento que motivaram os meus sonhos. A única ausência que se levanta é só uma: nunca lá ter estado, e só essa.

Tem o pintor de realizar tantas vezes quadros de coisas que nunca viu e no entanto por fusão da forma e da ideia é obrigado a integrar-se na sua própria psicologia, recuar até ao passado remoto e entrar em ceus de cuja existencia se apercebe apenas quando para eles é obrigado a olhar. É natural para nós, meridionais desta velha Europa, sentirmos os horizontes brilhantes, de sombras puras, projectadas luminosamente a quarenta e cinco graus, cheios de luz própria e conseqüente sombra projectada, mas transparente.

A natureza é a Arte da criação divina; foi ela sempre a inspiradora de músicos, de poetas, de pintores, de toda a série de inquietações vivas, arrumadas ou talvez melhor desarrumadas, na missão superior de olhar de fóra para dentro e de dentro para fóra. O silêncio estranho da paisagem é pintura; poderá ser poesia, mas ainda que pareça paradoxo é certamente pelo seu estranho silêncio que se ouve, melodia dum som musical. A forma, a modelação da terra, a falar no subir e no descer das montanhas e dos vales; a voz dos rios e das fontes; a quietação melancólica dos lagos, a cobardia rasteira das urtigas, a coragem elevada do arvoredor, no esbracejar romântico dos troncos da oliveira, na sombra românica dos castanheiros e na ascensão gótica dos ciprestes; tudo isto, que as escalas



JOSÉ AMARO JÚNIOR: «PAISAGEM»



JOSÉ AMARO JÚNIOR: «PAISAGEM»

científicas determinaram em fórmulas, leis e princípios, é apenas Arte Viva que, finalmente, é tudo. A paisagem é e será sempre assunto de pintores, sejam de que corrente forem, desde os primitivos, aos movimentos percursores de Marinetti, até ao triunfo duma Arte própria dêste século e da sua inquietação, ainda sem título de escola mas a que eu chamo «do Regresso».

O homem esqueceu-se depressa da vida natural entre a nuvem leve, a árvore e o perfume da flôr; criou automaticamente o ferro articulado, com óleo em vez de sangue, para tomar ares de Criador que não lhe competiam. Já não se lembra de que ao vir ao mundo encontrou a sombra amiga das florestas, as côres fantásticas das flôres que êle tem torturado com a quimica e a tesoura de podar e o cantar livre das aves graciosamente despreocupadas, sem estrondos, além dos trovões, nesse tempo em que ninguém mais voava senão elas.

PROF. JOSÉ AMARO JR.